

**A CONTRIBUIÇÃO DA ABORDAGEM CENTRADA
NA PESSOA DE CARL ROGERS NA PSICOTERAPIA
INFANTIL: A INFLUÊNCIA DAS ATITUDES
FACILITADORAS DO PSICÓLOGO NESTE
PROCESSO**

**THE CONTRIBUTION OF CARL ROGERS PERSON-
CENTERED APPROACH TO CHILD
PSYCHOTHERAPY: THE INFLUENCE OF THE
PSYCHOLOGIST'S FACILITATING ATTITUDES IN
THIS PROCESS**

Adriana Pereira Tôrres¹ & Elisângela Freitas Oliveira

Fortaleza, Brasil

RESUMO

O presente artigo refletiu sobre a contribuição da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, onde se verifica a importância com que trata das relações interpessoais, da valorização do ser humano, cujo pressuposto é de que nele existe uma inclinação atualizante, em que se certifica que a pessoa tende a crescer, desenvolver seu potencial de maneira positiva. Buscou-se compreender a influência das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa na dinâmica do processo psicoterapêutico infantil, assim como a investigação do método da ACP na pessoa na prática da psicoterapia infantil; a reflexão sobre

¹ Correspondência a: adrianatorres1970@gmail.com

a estrutura do ambiente terapêutico, a descrição das atitudes do psicólogo da mesma neste processo e enfim a análise de suas atitudes dentro do contexto desta abordagem e seus efeitos na dinâmica do processo psicoterapêutico infantil. O estudo foi desenvolvido, a partir da pesquisa bibliográfica e como resultado foi verificado que o acompanhamento do psicoterapeuta infantil da Abordagem Centrada na Pessoa, proporciona um desenvolvimento positivo das competências emocionais, cognitivas e autoestima da criança, o equilíbrio da ansiedade, promovendo também a capacidade de ser mais assertiva. Confirma-se que investimento em psicoterapia favorece a construção de autoconhecimento para o filho, sentindo maior prazer pela vida e que conseqüentemente, melhora a qualidade das experiências e das relações com os outros, contribuindo para a formação de um adulto autônomo, com sabedoria e segurança para fazer escolhas saudáveis.

Palabras claves: Psicoterapia infantil. Dinâmica psicoterapêutica. Tendência atualizante., Virginia Axline, Carl Rogers.

ABSTRACT

This article reflected on Carl Rogers' Contribution of the Person-Centered Approach (PCA), where the importance of dealing with interpersonal relationships and the valuation of the human being are verified, with the assumption that there is an upward inclination in it, where it is certified that the person tends to grow, to develop his potential in a positive way. For child psychotherapy, we sought to understand the influence of the psychologist's approach of the Person-Centered Approach on the dynamics of the child psychotherapeutic process, as well as the investigation of the PCA method in the person in the practice of infantile psychotherapy; the reflection on the structure of the therapeutic environment, the description of the psychologist's attitudes in this process and finally the analysis of his attitudes within the context of this approach and its effects on the dynamics of the child psychotherapeutic process. The study was developed based on the bibliographical research and as a result it was verified that the accompaniment of the Person-Centered Approach child psychotherapist provides a positive development of the child's emotional, cognitive and self-esteem competences, the balance of anxiety, also promoting the ability to be more assertive. It is confirmed that investment in psychotherapy favors the construction of self-knowledge for the child, feeling greater pleasure for life and that, consequently, improves the quality of experiences and relationships with others, contributing to the formation of an autonomous adult, with wisdom and security to make healthy choices.

Keywords: Child psychotherapy, Psychotherapeutic dynamic. Up-to-date trend, Virginia Axline, Carl Rogers.

INTRODUÇÃO

O presente artigo buscou compreender a contribuição da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers na psicoterapia infantil, analisando a influência das atitudes facilitadoras do psicólogo neste processo e observou dentro desta proposta, que diante das atuais circunstâncias vivenciadas pela criança em seu lar, no meio familiar, faz-se necessária a investigação da dinâmica do trabalho da ACP na psicoterapia infantil, em que “dar a voz” à criança (CAMPOS, 2008) na oportunidade dela expressar-se verbalmente ou não, possa ser captada sua “fala” em seu pedido de ajuda. Todo esse contexto tem sido observado nas últimas décadas (RAMIRES, 2008).

Segundo Costa e Dias (2005), o fato de trabalhar com crianças é uma experiência valiosa pela possibilidade de uma ação precoce e/ou preventiva, tornando-se gratificante pela contribuição que representa junto à criança, sua família e a sociedade na qual vive. Partindo deste contexto, podemos verificar que a espontaneidade da criança pode ser percebida pelo profissional da ACP e, a partir do momento em que ela se sente acolhida no ambiente terapêutico, é possível ocorrer a formação de um vínculo entre o terapeuta e ela.

De acordo com Axline (1980), é importante que o psicoterapeuta esteja atento às sinalizações da criança e indicações de caminhos para que tenha condições de acompanhá-la. Vê-se, então, quão relevante foi a realização deste trabalho, que mostrando a importância de se trabalhar com alguém que, muitas vezes, não sabe ao certo como se expressar, precisa ser ouvida com maior eficiência para receber a ajuda necessária naquele momento de sua vida.

A ACP é uma abordagem que trata das relações interpessoais, cujo pressuposto é de que em todo ser humano existe uma inclinação inovadora, onde se verifica que o homem tende a crescer, progredir, desenvolvendo seu potencial de maneira positiva. Assim, Rogers nos propõe uma motivação única, inata e imprescindível, trazendo uma diferente perspectiva do ser humano, enquanto sujeito no ambiente terapêutico e, como consequência, um modo de encarar aquela pessoa que pede ajuda.

Rogers (2005, p. 88 *apud* BRITO; PAIVA, 2012) ainda nos mostra que, mesmo diante de condições mais adversas ou mais severas, o ser humano pode preservar e desenvolver alguma capacidade de autonomia e autodeterminação. Tudo isso ocorre não descartando os impactos negativos e dificuldades que possam surgir durante este processo de busca do seu bem-estar.

O autor ainda acrescenta sua convicção de que o ser humano possui a capacidade de reação aos acontecimentos, sendo por eles conduzido de algum modo.

Mattar (2010) cita a psicóloga Virginia Axline ressaltando seu trabalho “Ludoterapia” (1980) sobre crianças utilizando a não-diretividade. Através da perspectiva de Rogers, relata a experiência de um professor que passa a atuar como terapeuta no intuito de desprender forças terapêuticas existentes em cada pessoa. Aliada ao conteúdo “Dibs, em busca de si mesmo” (AXLINE, 1978), nos conta a trajetória de vida e todo o processo de atendimento a um garoto chamado Dibs, que buscava a aceitação de seu modo de ser por sua família, pela professora, seus coleguinhas de sua escola, onde vivenciava muitas experiências de rejeição e incompreensão, demonstrando agressividade, isolamento e, ao mesmo tempo, sua incrível inteligência, sensibilidade aguçada, escondidas por não poder tornar-se quem realmente era. Virginia Axline tornou esta obra uma referência para o psicoterapeuta infantil não-diretiva.

Seguindo este pensamento, verificamos que a psicoterapia infantil procura proporcionar um espaço seguro onde a criança é acompanhada e conduzida a um processo, de modo a aliviar os sintomas que a motivaram ao pedido de ajuda e sendo frequentemente buscada por pais ou responsáveis, onde a psicoterapia infantil vem contemplar as variáveis que estão influenciando como um funcionamento da criança, ou seja, descobrir o que acontece e como acontece para que a criança manifeste aqueles comportamentos/sintomas.

O acompanhamento psicoterapêutico promove melhorias nas competências emocionais e cognitivas, autoestima, diminuição da ansiedade e adequação da assertividade. Investir em psicoterapia é construir um legado para seu filho de autoconhecimento e de maior prazer pela vida, com melhorias objetivas, sobre a qualidade das experiências e das relações construtivas com os outros, contribuindo para a formação de um adulto autônomo que tenha sabedoria e segurança para fazer escolhas saudáveis.

Esse processo nos mostra a importância de se pesquisar sobre as atitudes do psicoterapeuta. Porém, Dorfman (1992 *apud* ALMEIDA, 2016) nos lembra que a criança não comparece à psicoterapia por vontade própria, e sim por ter desagradado ou preocupado algum adulto, seus pais ou outros familiares com algum comportamento não adequado, dando-lhes sinais de que precisa de ajuda.

A dinâmica da ACP utilizada pelo psicoterapeuta infantil favorece a criança a refletir e sentir-se à vontade para poder se expressar sobre a sua problemática e a seguir a influência

das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa na dinâmica do processo psicoterapêutico infantil, o que contribui para que a criança se expresse favoravelmente na sua evolução em psicoterapia, sem a necessidade de alguma outra intervenção que a estimule para uma resposta mais centrada em sua problemática.

Diante desse contexto, tem-se como perguntas de partida para este estudo os seguintes questionamentos: A dinâmica da ACP utilizada pelo psicoterapeuta infantil favorece a criança a refletir e sentir-se à vontade para poder se expressar sobre a sua problemática? Qual a influência das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa na dinâmica do processo psicoterapêutico infantil? Tais atitudes seriam suficientes para que a criança se expresse favoravelmente na sua evolução em psicoterapia ou seriam necessárias algumas intervenções que a estimulem para uma resposta mais centrada em sua problemática?

Para responder as perguntas de partida, este artigo teve como objetivo geral a compreensão da influência das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers na Psicoterapia Infantil e apresentou como objetivos específicos: investigar o método da abordagem centrada na pessoa na prática da psicoterapia infantil; refletir sobre a estrutura do ambiente terapêutico para que a criança consiga uma compreensão melhor de si mesma e se torne mais independente; descrever as atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa no processo psicoterapêutico infantil; analisar as atitudes do psicólogo da A.C.P. e seus efeitos na dinâmica deste processo.

Para contemplar os objetivos elaborados neste artigo, bem como responder aos problemas de pesquisa levantados, o referencial teórico foi estruturado da seguinte forma: Inicialmente, relatou-se sobre a importância das habilidades sociais na infância e, em seguida, descreveu-se sobre método da A.C.P. na prática da psicoterapia infantil. Dando continuidade ao referencial teórico, foi abordada a estrutura do ambiente psicoterapêutico infantil nesta abordagem. Dentro deste mesmo contexto, temos o tópico que nos relata sobre quão importantes são as atitudes facilitadoras do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa neste processo psicoterapêutico. Enfim, temos a análise das atitudes do psicólogo da ACP e seus efeitos na dinâmica do processo psicoterapêutico infantil.

METODOLOGÍA

A abordagem metodológica adotada para este estudo desenvolveu-se por meio do método qualitativo. O intuito desta análise qualitativa, se justifica por atender às

demandas da pesquisa que, de acordo com Minayo (2002), busca responder questões muito particulares, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Concebe-se então que a pesquisa qualitativa proporciona uma investigação minuciosa e essencialmente subjetiva. Esse método se torna apropriado aos objetivos dessa pesquisa, pois favorece a consideração de variados aspectos que compõem as especificidades da análise da influência das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, na psicoterapia infantil.

Com base em seus objetivos, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva com a finalidade de tornar o problema mais explícito. De acordo com Gil (2010), a pesquisa exploratória proporciona uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo, promovendo maior familiaridade com o problema. Podendo, assim, contemplar levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado e assumir, geralmente, a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. A pesquisa descritiva tem por finalidade a descrição das características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência. Acrescenta-se que as características exploratória e descritiva pretendem favorecer uma aproximação da pesquisadora com a realidade da influência da atuação do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa e suas relações com a eficácia do processo de psicoterapia infantil, possibilitando o alcance de possíveis interpretações que abranjam o problema de pesquisa.

Com relação aos procedimentos para este estudo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica para a apresentação e discussão do tema. Dentro desta mesma linha de raciocínio e análise, verifica-se que em quase todos os estudos se exige que seja feito algum tipo de trabalho dessa natureza.

Há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Grande parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisa bibliográfica. Os livros, por exemplo, possuem esta fonte por excelência. A principal vantagem deste tipo de pesquisa, reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema da pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Esta também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não

há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos (GIL, 2010).

O presente artigo traz Carl Rogers, como criador desta abordagem (ACP), com seus inúmeros trabalhos, sendo alguns deles citados aqui, como fontes primordiais para que outros viessem a seguir seus propósitos. Natalie Rogers (2003), deu continuidade ao trabalho de Rogers, seu pai, acrescentando a arte expressiva da criança, nos desenhos, pintura, arte plástica, onde a mesma revela suas emoções sem julgamentos, assim como CAMPOS (2008) e RAMIRES (2008), seguem esta mesma linha de pensamento.

A autora e também psicoterapeuta infantil, Virgínia Axline, nos trouxe a observação sobre a criança, pois a mesma sinaliza o caminho pelo qual devemos segui-la e não a encaminhar. Seu comportamento, sua atividade com desenho, pintura, durante a brincadeira utilizando brinquedos na sala, ela sentindo-se livre para expressar-se. Shultz e Shultz (2008) relatam trabalhos realizados por William Kell e Helen McNeil, alunos de Rogers, a importância do autoconhecimento para a criança, se tornando mais independentes, responsáveis por suas escolhas. Del Prette (2013) relata quão fundamental também, é o convívio social e familiar da mesma, como vive em casa, seu relacionamento familiar, social, sua saúde, desenvolvimento intelectual, etc. Wood *et al.* (1995), ressignifica o real intuito da A.C.P, dentro de seu contexto singular, único ao realizar suas atividades, enquanto que Araújo e Freire (2014) nos lembram os valores humanos do psicoterapeuta infantil, antes de ser o profissional diante da criança, percepções que não podem ser trazidas para ela. Amatuzzi (1989) ressalta a autenticidade do terapeuta na Abordagem Centrada na Pessoa, fazendo parte deste trabalho. E finalmente temos Bezerra e Bezerra (2012), nos trazendo a figura do psicoterapeuta como facilitador do processo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A importância das habilidades sociais na infância

Ao desenvolver um método para determinar se o comportamento da criança era saudável e construtivo ou não saudável e destrutivo, Rogers (1980) verificou que os fatores que influenciavam seu comportamento eram o ambiente familiar, a saúde, o desenvolvimento intelectual, as circunstâncias econômicas, culturais, as relações sociais e o nível de educação. Interligou também a influência interna do autoconhecimento e autodiscernimento.

Mais tarde, seus alunos William Kell e Helen McNeil, confirmaram que o fator que mais renunciou acuradamente em seus estudos foi o autodiscernimento que, para Rogers, significava a aceitação do self e da realidade, do senso de responsabilidade pelo autor que admitiu os resultados, e após refletir, passou a reconhecer sua importância (SHULTZ; SHULTZ, 2008).

Del Prette (2013) nos relata em seu artigo “A Importância das Habilidades Sociais na infância” que vivemos hoje em uma sociedade que se modifica muito rapidamente. A cada dia, deparamo-nos com situações que exigem aprendizagem de novos conhecimentos para responder às necessidades da infância e da adolescência.

Pais e educadores se sentem confusos e se queixam das diferentes formas de os jovens se comportarem. Entretanto, também crianças vivem situações complexas: são pressionadas por diversos tipos de grupos; percebem regras sociais contraditórias na escola e na família; convivem com diferentes valores; defrontam-se com uma realidade violenta exibida diariamente pelos meios de comunicação. De um lado, vivem sob constantes cobranças e, de outro, identificam uma permissividade que as deixam perplexas. A tranquilidade desta é, muitas vezes, vista na perspectiva da ausência de problemas ou, simplesmente, sob uma concepção de bens materiais, conforto, diversão. Embora esses aspectos sejam importantes, não se pode ignorar que seu bem-estar pode ser ampliado com a melhoria dos relacionamentos em diferentes contextos.

O MÉTODO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA NA PRÁTICA DA PSICOTERAPIA INFANTIL

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) é uma teoria que trata das relações interpessoais, cujo pressuposto é de que em todo ser humano existe uma aptidão renovadora, em que se verifica que o homem tende a um crescimento, desenvolvimento de seu potencial de maneira positiva. Assim, Wood *et al.* (1995), ao citar Rogers (1980), nos propõe uma motivação única, inata e imprescindível, trazendo uma diferente perspectiva do homem, enquanto sujeito no ambiente terapêutico e, como consequência, um modo de encarar aquela pessoa que pede ajuda.

De acordo com Wood *et al.* (1995), Rogers considerou que a ACP “uma forma singular de abordagem, organizadora da experiência bem-sucedida em diversas atividades. Não se

trata de uma teoria, uma terapia, uma psicologia, uma tradição. É meramente uma abordagem; nada mais, nada menos” “É um “Jeito de Ser”. Complementando este mesmo pensamento, Araújo e Freire (2014) em seu artigo “Os valores e sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa” referem-se à ACP como qualquer atividade humana que sendo fundamentada sobre alguns valores, entre os quais está o valor da pessoa, prevê uma prática profissional em que o psicólogo seja íntegro em sua relação com o cliente (no caso, a criança), onde o terapeuta com seus sentimentos, valores e percepções não transmita para a criança.

Além disso, compreende-se que a psicoterapia Rogeriana é um processo de aprendizagem significativa de valores, o que não implica em um ensino de tais valores por parte do psicólogo. Segundo AmatuZZi (2010, p. 23), a ACP “Em uma última instância, não se justifica como uma técnica e sim, como uma ética: uma ética das relações humanas, interpessoais, comunitárias, sociais, políticas. Justificar a ACP, é explicar e fundamentar, no plano teórico, os valores que ela expressa”.

Nesse sentido, questiona-se neste estudo se a dinâmica da ACP utilizada pelo psicoterapeuta infantil favorece a criança a refletir e sentir-se à vontade para poder se expressar sobre a sua problemática.

Para iniciar as reflexões acerca da questão formulada, Bezerra e Bezerra (2012) salientam que essa terapia defende o profissional como facilitador do processo quando se torna participante na intervenção. Porém, em alguns momentos, deve aparecer como observador “distante”, a fim de obter melhor análise acerca do caso.

Seguindo esta linha de pensamento, verificamos que este comportamento do terapeuta, no intuito de deixar que a criança se sinta à vontade no ambiente terapêutico e, assim, possa sentir-se confiante para expressar-se e ser ajudada em sua demanda, auxilia numa evolução positiva da criança como ser humano e também da terapia, tornando-a capaz de se sentir mais independente e tomar suas decisões. Na terapia centrada na pessoa, desenvolvida por Rogers, o terapeuta oferece consideração positiva incondicional ao cliente, na qual supõe-se que o cliente, (não o paciente), seja responsável pela mudança de sua personalidade. Os clientes são aceitos como são. Tudo se centra na pessoa, inclusive a mudança em seu comportamento e em reavaliar as suas relações (SHULTZ; SHULTZ, 2008).

Com o objetivo de estimular o desenvolvimento e a interação da criança, o psicoterapeuta Rogeriano deve promover uma atmosfera de acolhimento, compreensão e calor humano. Araújo e Freire (2014) assinala que este objetivo deve ser então alcançado por meio de atitudes que ele denominou de atitudes facilitadoras: a autenticidade, a consideração positiva e a empatia.

Amatuzzi (1989) nos relata que a autenticidade deve ser uma atitude genuína, não uma técnica, uma ação preconcebida, conceitual, meramente racional. Ainda seguindo este pensamento, Gobbi *et al.* (2005 *apud* ARAÚJO; FREIRE, 2014) nos conceituam que a autenticidade é uma disposição que também tem como valores a relação e a consideração da singularidade das pessoas envolvidas nela.

A consideração positiva incondicional fundamenta-se na valorização do indivíduo, (a criança, em questão), como ser digno de confiança e respeito. Ela está firmada sobre o valor do amor e favorece a unidade, a procura por associar-se ao outro. Freire (2002 *apud* ARAÚJO; FREIRE, 2014) nos acrescenta que a consideração positiva deve impelir o profissional a uma tentativa de escutar melhor o cliente, o valor que convoca o psicoterapeuta a oferecer uma escuta qualificada. Ainda de acordo com o autor, a empatia, além de estar relacionada à consideração positiva incondicional, também se alia à autenticidade, de modo que o psicólogo procure ouvir-se e perceber com que lentes olha para o cliente, para, assim, poder colocá-las de lado, a fim de melhor compreender a forma como o cliente percebe a si mesmo.

Natalie Rogers (2003, Vol.05), em sua entrevista para a Revista Eletrônica de Investigação Educativa, nos fala sobre os princípios da Terapia Expressiva Centrada na pessoa, onde artes expressivas representam um meio fácil e conhecido pelo qual as crianças menores se expressam. Utilizadas dessa maneira, as artes são verdadeiras maneiras de brincar.

As crianças menores frequentemente não contam com vocabulários ou com habilidades sociais suficientes para serem escutados. Ao desenhar a raiva e o aborrecimento, artes expressivas centradas na pessoa, constata-se benefícios terapêuticos evidentes, pois a terapia proporciona uma forma singular e eficaz de comunicação. A inserção de uma atmosfera centrada na pessoa é vantajosa para as crianças menores em idade escolar. Imagine um jovem iniciante na arte que lhe seja permitido explorar seu talento natural sem a pressão de fazer a arte da “maneira mais correta”.

A ESTRUTURA DO AMBIENTE PSICOTERAPÊUTICO INFANTIL NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

De acordo com Rogers (2005, p. 105 *apud* BRITO; PAIVA, 2012, p. 88), na relação terapêutica, o psicólogo deve proporcionar ao cliente, (no caso, a criança), um lugar onde poderá falar de qualquer sentimento, positivo ou negativo, que ela experimentar e será compreendida e aceita “Ou seja, [...] através da aceitação [...] da completa ausência de qualquer atitude moralista ou justificativa da atitude de compreensão [...], acaba por reconhecer que todos os sentimentos e atitudes podem se exprimir”.

Axline (1984 *apud* BRITO; PAIVA, 2012) reforça a importância da permissividade e do não julgamento na expressão de sentimentos da criança. Neste caso, o terapeuta tende a ser permissivo no sentido de deixar que a criança, sinta-se livre para expressar-se como ela achar melhor, confiante e assim poder ajudá-la em sua demanda. A profundidade com a qual ela expressa seus sentimentos está intimamente ligada à essa permissividade. A aceitação dos sentimentos da criança, segundo a autora, pode acontecer tanto por meio verbal, quanto por meio não-verbal. Independentemente da forma de expressão desse sentimento, a permissividade possibilita que a criança adquira, pouco a pouco, a consciência da sua responsabilidade quanto às escolhas que faz. A criança decide enfim, a direção que a relação terapêutica pode tomar. “O grau de permissividade (presente no ambiente terapêutico), que faz com que a terapia seja realmente bem-sucedida é diretamente proporcional à aceitação da criança”. Quanto aos brinquedos, o terapeuta pode dispor de uma caixa lúdica, contendo ferramentas básicas como: jogos, bonecos de montar, tabuleiros, adivinhação, cola, tinta, papéis, tesouras sem ponta, além de passar a ideia do sigilo.

O contrato terapêutico pode ser verbal ou escrito, isso depende de cada profissional observando horário, dia, forma de pagamento. A receptividade e acolhimento à família, é interessante pois, existe uma forte relação entre a qualidade da aliança terapêutica estabelecida entre os pais. A visita à escola, refere-se às relações humanas e tem significado muito importante e com isso o psicólogo, deve focalizar essa especificidade na busca de compreender como são as relações nesta instituição de ensino e saber como a criança se relaciona com os colegas e com a professora.

AS ATITUDES DO PSICÓLOGO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO INFANTIL

Segundo Axline (1978) existem princípios que nos norteiam de forma construtiva com a criança, para que possamos contemplar o caráter da não-diretividade, proposto por esta abordagem, visando um processo terapêutico positivo para ambos. Sendo eles:

- 1) O terapeuta deve desenvolver um relacionamento amistoso e cálido com a criança para que ocorra o “rapport”;
- 2) O terapeuta aceita a criança como ela é;
- 3) O terapeuta estabelece uma sensação de permissividade no relacionamento, onde a criança se sinta livre para expressar seus sentimentos;
- 4) O terapeuta está sempre alerta para identificar os sentimentos que a criança está expressando e refleti-los para ela e que a mesma adquira conhecimentos sobre o seu comportamento;
- 5) O terapeuta mantém profundo respeito pela capacidade da criança em resolver seus próprios problemas, dando-lhe oportunidade para isto. A responsabilidade de escolha é da criança;
- 6) O terapeuta não tenta dirigir as ações ou conversa da criança de forma alguma. Ela indica o caminho e o terapeuta segue;
- 7) O terapeuta não procura abreviar a duração da terapia. O processo é gradativo e assim deve ser reconhecido por ele;
- 8) O terapeuta estabelece somente as limitações necessárias para fundamentar a terapia no mundo da realidade e fazer a criança consciente de sua responsabilidade no relacionamento.

A partir dos passos descritos, depreende-se que a aceitação incondicional, que se trata do respeito pela criança, como ela é e se apresenta; a empatia, referindo-se à atitude de colocar-se no lugar da mesma, sentindo-a em sua fala e/ou expressões; a transparência, remete à necessidade do terapeuta ser autêntico com a criança, para que haja confiança, vínculo entre ambos; a congruência, mostra a coerência do terapeuta, de maneira que não haja dúvidas quanto ao expressar-se e enfim, todos esses passos, são de grande relevância para a análise da temática deste artigo que pretende compreender a contribuição da

abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers na psicoterapia infantil, considerando a influência das atitudes do psicólogo no processo psicoterapêutico.

Entende-se que a prática rogeriana se trata de um exercício de valores e que, além disso, proporciona uma aprendizagem dos mesmos. Mas que por se tratarem de valores experienciais, não devem se refletir somente à experiência do profissional rogeriano, mas transformarem-se de acordo com a experiência também vivenciada pela criança, quer na relação com o psicólogo ou não. Refere-se ao fato de que esses valores não devem ser somente direcionados às experiências do terapeuta, mas também às vivenciadas pela criança, pois se trata de um aprendizado para ambos.

Ainda sobre a reflexão da influência das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa na dinâmica do processo psicoterapêutico infantil, podemos destacar o que Brito e Paiva (2012) relatam, em seu artigo “Psicoterapia de Rogers e Ludoterapia de Axline”, um ponto de partida que é proporcionar ao indivíduo (no caso, a criança) uma relação sem o controle do terapeuta, algo sem diretividade, onde a criança passa a ser o foco da terapia, ao invés do seu problema. Esses autores entendem que nessa terapia:

[...] um dos principais objetivos do psicólogo é ajudar o cliente a exprimir livremente as atitudes afetivas que estão na base dos seus problemas de adaptação e dos conflitos [...] o cliente encontra neste processo uma libertação afetiva dos sentimentos até então reprimidos, uma maior consciência dos elementos até então reprimidos, uma maior consciência dos elementos fundamentais de sua própria situação e uma capacidade crescente para reconhecer seus sentimentos de uma maneira livre e sem receio. (BRITO; PAIVA, 2012, p. 173-174).

Dentro de um posicionamento semelhante sobre a ludoterapia, Brito e Paiva (2012), citando Axline (1984), nos afirma que a confiança na capacidade da criança é fundamental para que a terapia possa alcançar êxito. Neste mesmo contexto psicoterapêutico, de acordo com essa proposição de credibilidade no potencial da criança, de que ela pode “descobrir” seu próprio caminho, testando a si mesma, deixando assim, revelar sua personalidade, tomando assim, responsabilidade por seus próprios atos. A criança adquire, desta forma, a coragem de seguir em frente e de se tornar um indivíduo mais maduro e independente.

[...] a ludoterapia não-diretiva [...] pode ser descrita como uma oportunidade que se oferece à criança de crescer sob melhores condições. Sendo o brinquedo seu meio

natural de auto expressão, lhe é dada a oportunidade de, brincando, expandir seus sentimentos acumulados de tensão, frustração, insegurança [...] libertando-se desses sentimentos através do brinquedo, ela se conscientiza deles, esclarece-os, enfrenta-os, aprende a controlá-los ou os esquece. Quando ela atinge uma certa estabilidade emocional, percebe que sua capacidade para se realizar como um indivíduo, pensar por si mesma, tomar suas próprias decisões, tornar-se psicologicamente mais madura e assim sendo, tornar-se pessoa. (AXLINE, 1980, p. 28).

Através do “brincar”, a criança se encontra em um momento dela, para, enfim, expressar-se livremente, expondo sua necessidade de ajuda em sua demanda. Ela se torna capaz de se mostrar como realmente é, sem preocupar-se com julgamentos, pois é o seu momento de exprimir tudo aquilo que se passa em sua vida, sendo capaz de lidar com seus medos, inseguranças, controlando-os ou esquecendo-os tomando consciência de que consegue se libertar deles, adquirindo estabilidade emocional, tornando-se pessoa.

ANÁLISE DAS ATITUDES DO PSICÓLOGO DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E SEUS EFEITOS NA DINÂMICA DO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO INFANTIL

Nesse momento do presente estudo, cabe-nos afirmar que as atitudes do psicólogo da ACP são verdadeiramente potentes para que a criança se expresse favoravelmente na sua evolução em psicoterapia, tornando-se desnecessárias algumas intervenções que a estimulem para uma resposta mais centrada em sua problemática.

De acordo com Brito e Paiva (2012), ao se referir a Rogers (1980) e Axline (1984), compreendem que a confiança do terapeuta na capacidade da pessoa à sua frente, seja criança ou adulto, serve de base para uma terapia que promove libertação, autorresponsabilidade e maturidade. A criança, em questão, pode sentir-se mais à vontade para expressar-se do seu modo; seja escrevendo, desenhando, brincando e mostrando como é, tornando-se pessoa, sem receios e assim poderá demonstrar, de maneira clara, o seu pedido de ajuda.

O posicionamento de Rogers (2005, p. 96 *apud* BRITO; PAIVA, 2012), fica claro na citação a seguir:

[...] em qualquer situação terapêutica, quer com crianças, quer com adultos, surgem exigências, exprimem-se desejos, em relação aos quais o psicólogo tem que tomar uma

atitude. O iniciante ou psicólogo pouco treinado[...] tem tendência a ceder a essas exigências[...] até que essas exigências crescem a um ponto tal que o psicólogo não pode ceder. Nesse momento, a afeição e o desejo de ajudar tornam-se aversão e tentativa de evitar a relação.

A citação acima nos aponta a importância de haver um amadurecimento ou discernimento por parte do terapeuta, pois o mesmo precisa atender às exigências da criança, por exemplo, mas também necessita colocar limites para que nem a relação com o cliente e nem tampouco o processo terapêutico, sejam prejudicados.

Para evitar essa situação prejudicial ao cliente e ao terapeuta, este deve ter consciência da necessidade de existirem limites e que estes devem ser bem definidos, claramente compreendidos pelo cliente, e utilizados de maneira construtiva. No caso da criança, ela [...] prefere experiências que mantém, aumentam ou efetivam o seu organismo, e rejeita as que não servem para essa finalidade. (ROGERS, 1991, p.15-16 *apud* BRITO; PAIVA, 2012).

Axline (1984 *apud* BRITO; PAIVA, 2012) defendia que os limites servem para vincular, minimamente, a psicoterapia à vida cotidiana da criança para que esta aprenda a canalizar suas ações sobre o material presente na sala de terapia, bem como para que esta seja construída em torno do respeito entre terapeuta e criança. Dessa forma, ela reorganiza melhor suas experiências e lida de maneira mais construtiva com os limites impostos pelos relacionamentos cotidianos.

Rogers (1974) nos traz que, a priori, não existem técnicas na abordagem centrada na pessoa, mas sim, atitudes que promovem o valor da pessoa humana como ser singular. Desta forma, qualquer atitude que o psicólogo tomar deve estar vinculada a seu sistema de valores, pois do contrário, corre o risco de obter somente resultados parciais.

Além disso, Rogers (1987), afirma que o psicólogo oferece um ambiente propício para o desenvolvimento pessoal de seu cliente, uma relação calorosa, na qual duas pessoas possam estar inteiras no encontro, assim como deve também cuidar de estar completo na relação, não só como prestador de serviços de psicologia, mas como ser humano em relação ao outro, seja adulto ou, no caso deste estudo, criança. Assim, entra em cena um profissional que também é uma pessoa, que tem uma história, que vive alegrias e tristezas, que tem uma visão de mundo, ainda que seja aquela oferecida pela abordagem ou ciência que adotou.

Desta forma, segundo Vieira e Pinheiro (2013 *apud* ARAÚJO; FREIRE, 2014), mesmo que o psicólogo A.C.P. tenha seus valores totalmente diferentes daqueles assumidos pelo cliente, entendemos que a prática clínica é lugar de centramento na pessoa do cliente (a criança), ou mesmo lugar de descentramento, onde surge o desenvolvimento pessoal da mesma.

Seguindo esta linha de pensamento e considerando as perguntas de partida que culminaram na elaboração dos objetivos geral e específicos deste estudo, compreende-se também que a dinâmica da ACP utilizada pelo psicoterapeuta infantil favorece a criança a refletir e sentir-se à vontade para poder se expressar sobre a sua problemática e o acompanhamento psicoterapêutico utilizado pelo psicoterapeuta infantil desta abordagem proporciona melhorias nas competências emocionais e cognitivas, assim como da autoestima, da diminuição da ansiedade e da adequação da assertividade no decorrer de todo o processo.

Este procedimento nos mostra a importância de se pesquisar sobre as atitudes do psicoterapeuta. Dentro deste mesmo raciocínio, pode-se afirmar que a influência das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa na dinâmica do processo psicoterapêutico infantil favorece o desenvolvimento do processo terapêutico, para que a criança se expresse durante o mesmo, sem que haja a necessidade de outro tipo de intervenção, em que ela se sinta mais estimulada a dar uma resposta sobre sua demanda. Porque a partir do momento em que a criança adentra no ambiente terapêutico, ela pode vir com timidez ou mesmo com agressividade e sentindo-se acolhida de verdade pelo terapeuta, a mesma consegue naturalmente iniciar sua “fala” sobre seu pedido de ajuda, pois ela, de forma geral, não comparece ao consultório porque pediu aos pais ou a alguém responsável por ela, e sim porque um adulto observou esta necessidade.

Agindo assim, com empatia e acolhimento, o psicólogo tende a conseguir esta confiança da criança diante dele para que se expresse da maneira que achar melhor, seja desenhado, brincando ao contar uma história para a qual o terapeuta está atento, pois provavelmente, dentro deste contexto, a criança se mostra a partir do que foi descrito. Depreende-se que, enfim, todos esses passos são de grande relevância para a análise da temática deste artigo que buscou compreender a contribuição da A. C. P. de Carl Rogers na psicoterapia infantil, considerando a influência das atitudes do psicólogo no processo psicoterapêutico.

Araújo e Freire (2014) em seu artigo “Os valores e sua importância para a teoria da clínica da Abordagem Centrada na Pessoa” preveem uma prática profissional em que o psicólogo seja íntegro em sua relação com o cliente (no caso, a criança), onde o terapeuta com seus sentimentos, valores e percepções, não os passe para a criança, visando uma relação em que a mesma possa se expressar sem receios, em que se mostra de maneira empática e transparente, facilitando assim, o desenvolvimento do processo de psicoterapia infantil.

Portanto, o método da Abordagem Centrada na Pessoa na prática da psicoterapia infantil tem relevância nas atitudes do terapeuta no processo da mesma, refletindo desta forma, sobre a estrutura do ambiente terapêutico, para que a criança consiga uma compreensão melhor de si mesma, torne-se mais independente e, assim, descrever as atitudes do psicólogo desta Abordagem no processo psicoterapêutico infantil.

Compreende-se que a influência das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers na Psicoterapia Infantil e investigação de seu método dentro desta mesma prática, foram de fundamental importância para que se pudesse afirmar a eficácia da mesma no processo terapêutico dentro da proposta desta abordagem. A reflexão sobre a estrutura do ambiente terapêutico para que a criança consiga uma compreensão melhor de si mesma, tornando-se mais independente, foi relevante para este estudo.

Trata-se não somente do ambiente físico, mas do “calor” dele através da pessoa do terapeuta que recebe a criança, que precisa se sentir à vontade, tranquila, precisa confiar nele, para poder ser ajudada. Axline (1978) nos reforça a importância da permissividade e do não julgamento na expressão de sentimentos da criança.

A descrição das atitudes do psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa no processo psicoterapêutico infantil e a análise da maneira mais precisa das atitudes do psicólogo dentro da mesma e seus efeitos positivos na dinâmica deste processo, revelaram que de acordo como relato de Amatuzzi (1989) sobre a importância da autenticidade que deve ser uma atitude genuína, não uma técnica, uma ação preconcebida, conceitual, meramente racional.

Ainda seguindo este pensamento, Gobbi *et al.* (2005 *apud* Araújo; Freire, 2014) nos conceituam que a autenticidade é uma disposição, que também tem como valores a relação e a consideração da singularidade das pessoas envolvidas nela, e assim a confiança acontece, o processo terapêutico se desenvolve de forma positiva. Natalie Rogers (2003) nos mostra que as crianças menores frequentemente não contam com vocabulários ou com habilidades

sociais suficientes para serem escutados. Ao desenhar a raiva e o aborrecimento, artes expressivas centradas na pessoa, constatam-se benefícios terapêuticos evidentes, pois a terapia proporciona uma forma singular e eficaz de comunicação. A inserção de uma atmosfera centrada na pessoa é vantajosa para as crianças menores em idade escolar. Imagine um jovem iniciante na arte que lhe seja permitido explorar seu talento natural sem a pressão de fazer a arte da “maneira mais correta”. Todas estas circunstâncias e atitudes fazem parte não somente do ambiente terapêutico como um todo, mas também do posicionamento do psicoterapeuta infantil dentro do processo da ACP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foi possível mostrar a contribuição da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers na psicoterapia infantil, sua importância e as influências das atitudes do psicoterapeuta infantil na dinâmica deste processo, pode-se verificar que a ACP tem ainda como alvo a valorização do ser humano.

Assim, como muitos outros autores pesquisados para este estudo, temos Freire e Araújo (2014) que em seu artigo: “Os valores e sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa”, referindo-se à mesma como qualquer atividade humana que sendo fundamentada sobre alguns valores, entre os quais o valor da pessoa, prevê uma prática profissional em que o psicólogo seja íntegro em sua relação com o cliente (no caso, a criança), onde o terapeuta com seus sentimentos, valores e percepções não os passe para a criança.

A ACP, ainda segundo AmatuZZi (2010, p. 23):

[...] em uma última instância, não se justifica como uma técnica e sim, como uma ética: uma ética das relações humanas: interpessoais, comunitárias, sociais, políticas. Justificar a ACP, é explicar e fundamentar, no plano teórico, os valores que ela expressa.

Seguindo esta linha de pensamento, verificamos que este comportamento do terapeuta, no intuito de deixar que a criança se sinta à vontade no ambiente terapêutico e assim, possa sentir-se confiante para expressar-se e ser ajudada em sua demanda, auxilia numa evolução positiva da criança como ser humano e também da terapia, tornando-a capaz de se sentir mais independente e tomar suas decisões.

Para Del Prette (2013), a felicidade de uma criança é, muitas vezes, vista na perspectiva da ausência de problemas ou, simplesmente, sob uma concepção de acesso aos bens

materiais, conforto, diversão. Embora esses aspectos sejam importantes, não se pode ignorar que seu bem-estar pode ser ampliado com a melhoria dos relacionamentos em diferentes contextos. Com o objetivo de estimular o desenvolvimento e a interação da criança, o psicoterapeuta rogeriano deve promover uma atmosfera de acolhimento, compreensão e calor humano. Este objetivo deve ser então alcançado por meio de atitudes que ele denominou de atitudes facilitadoras: a autenticidade, a consideração positiva e a empatia.

Amatuzzi (1989) nos relata que a autenticidade deve ser uma atitude genuína, não uma técnica, uma ação preconcebida, conceitual, meramente racional. Ainda seguindo este pensamento, Gobbi *et al.* (2005 *apud* ARAÚJO; FREIRE, 2014), nos conceituam que a autenticidade é uma disposição, que também tem como valores a relação e a consideração da singularidade das pessoas envolvidas nela.

Natalie Rogers (2003, Vol.05) nos relata que:

A inserção de uma atmosfera centrada na pessoa é vantajosa para as crianças menores em idade escolar. Imagine um jovem iniciante na arte que lhe seja permitido explorar seu talento natural sem a pressão de fazer a arte da “maneira mais correta”. Independentemente da forma de expressão desse sentimento, a permissividade possibilita que a criança adquira, pouco a pouco, a consciência da sua responsabilidade quanto às escolhas que faz. A criança decide enfim, a direção que a relação terapêutica pode tomar. “O grau de permissividade (presente no ambiente terapêutico), que faz com que a terapia seja realmente bem-sucedida é diretamente proporcional à aceitação da criança.

Amatuzzi (2010) nos traz que a priori não existem técnicas na Abordagem Centrada na Pessoa, mas sim, atitudes que promovem o valor da pessoa humana como ser singular. Desta forma, qualquer atitude que o psicólogo tomar deve estar vinculada a seu sistema de valores; pois do contrário, corre o risco de obter somente resultados parciais. Acredita-se que investir em psicoterapia colabora com a construção de uma herança para a criança, de autoconhecimento e de mais alegria em viver, com melhorias objetivas sobre a qualidade das experiências e das relações com os outros, contribuindo para a formação de um adulto autônomo, mais independente, que tenha sabedoria e segurança para fazer escolhas mais assertivas e saudáveis.

Conclui-se portanto, que a contribuição da Abordagem Centrada na Pessoa é de suma importância, principalmente para o processo de psicoterapia infantil, onde a criança encontra em um ambiente acolhedor, a aceitação incondicional, sem julgamentos, a liberdade de se expressar como quiser e/ou puder, diante de alguém que antes de ser um profissional da psicologia, é verdadeiramente um ser humano, com seus pensamentos, capaz de conseguir mesmo que aos poucos, durante o processo psicoterapêutico, que a criança perceba sua empatia por ela, trazendo a confiança que ela tanto precisa, disposto a ajudá-la em sua demanda, seja qual for, para que se torne a pessoa que é.

REFERÊNCIAS

- Almeida, B. (2016). Experiências de um ludoterapeuta centrado na pessoa. Rio Grande do sul. Encontro Abordagem Centrada na Pessoa. Url: <<https://encontroacp.com.br/.../experiencias-de-um-ludoterapeuta-centrado-na-pessoa/>>.
- Amatuzzi, M. (1989). *Resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação*. Papyrus, 1989.
- Amatuzzi, M (2010). *Rogers: ética humanista e psicoterapia*. Alínea.
- Araújo, C. & Freire, J. (2014). Os valores e a sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa. *Rev. abordagem gestalt, Goiânia*. 20(1): 93-103. Url: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v20n1/v20n1a12.pdf>>.
- Axline, V. (1978). *Dibs: em busca de si mesmo*. Agir.
- Axline, V. (1980). *Ludoterapia: a dinâmica interior da criança*. Interlivros.
- Bezerra, M. & Bezerra, E. (2016). Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. *Rev. NUFEN*. 4(2), p. 21-36. Url: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200004&lng=pt&nrm=iso
- Brito, R. & Paiva, V. (2012). Psicoterapia de Rogers e ludoterapia de Axline: convergências e divergências. *Rev. NUFEN*, 4 (1), p. 102-114. Url: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2016.

- Campos, M. (2008). *Porque é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica*. In: Cruz, S. H. V. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. Cortez.
- Costa, M. & Dias, C. (2005). Prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. *Estud. psicol., Campinas*. 22(1): 43-51. Url: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100006&lng=pt&nrm=iso.
- Del Prette, Z. (2013). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática. Ilustrações Marcela Cristina de Sousa*. Vozes.
- Gil, A. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Mattar, C. (2010). Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e gestalt-terapia: o método não diretivo de Virgínia Axline: as atitudes do psicoterapeuta infantil. *Contextos Clínicos, São Leopoldo*. 3(2): 76-87. Url: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v3n2/v3n2a01.pdf>
- Minayo, M. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Guadiana, L. (2003). Las artes expresivas centradas en la persona: un sendero alternativo en la orientación y la educación. Entrevista a Natalie Rogers©. *Revista electrónica de investigación educativa*. 5(2): 1-11. Url: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-40412003000200010&lng=es&tlng=es.
- Ramires, V. (2008). *Psicologia Clínica e as transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescente*. In: Cruz, S. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. Vozes.
- Rogers, C. (1980). *Duas tendências divergentes*. In: May, R. (Org.). *Psicologia existencial*. Ed. Globo, 1980.
- Rogers, C. (1987). *Psicoterapia e consulta psicológica*. Martins Fontes
- Rogers, C. (1974). *Terapia Centrada no Paciente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Shultz, P. & Shultz, S. (2008). *Teorias da Personalidade*. Cenape Learning.
- WOOD, J. et al. (1995). *Abordagem Centrada na Pessoa*. Fundação Ceciliano Abel de Almeida.